

LEMBRANDO O MASSACRE DE CIVIS NA ANIOMALAND DURANTE A GUERRA CIVIL NIGERIANA

Odigwe A. Nwaokocha¹

Introdução

Muitos civis desarmados foram mortos em Aniomaland durante a Guerra Civil da Nigéria, guerra travada entre 6 de julho de 1967 e 12 de janeiro de 1970. A guerra foi resultado da tentativa do governo federal nigeriano de forçar militarmente a Região Leste, que se separou como Biafra, de volta à Nigéria. A secessão foi seguida por três ondas de assassinatos seletivos do grupo Igbo, principalmente do leste da região norte, em maio/junho, julho/agosto e setembro/outubro de 1966. O grupo Igbo foi o principal alvo dos ataques (First 1970, 311-334). O povo Aniomaland falante de Igbo não era parte de Biafra, mas eram da região velha do Midwest no lado nigeriano. Eles são geralmente considerados como Igbo (Talbot 1969; Isichei 1976, 16). Eles foram classificados como pró-Biafra pelas forças federais e encontraram alguns desafios únicos na guerra. O conflito chegou para eles em 9 de agosto de 1967, quando as forças de Biafra cruzaram a ponte do Níger, invadiram o Centro-Oeste e abriram uma nova fase na guerra. O conflito armado em Aniomaland foi perverso, envolvendo o assassinato de civis desarmados em muitos lugares. Essas questões são o foco deste trabalho.

O artigo mostra que as forças de Biafra deram o pontapé inicial neste terrível episódio ao invadir o Centro-Oeste. Fatos históricos mostram que suas atrocidades foram menores em comparação com as de forças federais. Houve três ondas de assassinatos de civis em Aniomaland durante a guerra. O primeiro envolveu Biafra matando pessoas de ascendência norte e não nigerianas. O segundo foi o episódio Agbor onde os Ika, micronacionalistas, criados pelo medo de ser abatido por ser Aniomaland, levou alguns Ika a atacar

¹ Departamento de História e Estudos Internacionais, Universidade de Benin, Benin City, Nigéria. E-mail: odigwenwaokocha@gmail.com.

os Igbos, incluindo os Aniomas. O terceiro foi o assassinato do povo Anioma pelas tropas nigerianas em Utagba-Unor, Isheagu, Ogwashi-Uku, Ibusa e Asaba quando invadiram a área.

A literatura sobre os assassinatos em Aniomaland é paradoxalmente triste, mas interessante. É escasso, mas repleto de fatos. Não existiu nenhum trabalho sobre o assunto até mais de duas décadas após a guerra, embora os fatos fossem conhecidos por um público restrito. O trabalho de Emma Okocha sobre o assunto é apresentado de forma tempestuosa e contém detalhes sobre os assassinatos em Ogwashi-Uku, Isheagu e particularmente Asaba (Okocha 2012, 47-162). O trabalho de Okafor sobre os assassinatos em Asaba representa uma testemunha original do que aconteceu em Asaba. Ele opina que as mortes não foram acidentais, pois ele testemunhou soldados nigerianos armados com uma lista de nomes que eram convocados e vítimas sumariamente executadas na Delegacia de Polícia de Asaba (Okafor 2002, 291). O trabalho de Elizabeth Bird e Ottanelli Frazer sobre os assassinatos em Asaba é um acréscimo poderoso a um campo que precisa de mais revelações sobre o que aconteceu em Asaba naqueles dias loucos de outubro de 1967. Sem ser crítico, o trabalho apresentou evidências daqueles presentes em Asaba quando os assassinatos ocorreram. O trabalho coloca que os soldados nigerianos mataram desnecessariamente compatriotas e compatriotas desarmados por motivos alheios à guerra (Bird e Ottanelli 2011, 1-26). Vale ressaltar que esses trabalhos destacados acima se concentraram no episódio de Asaba. Coisas semelhantes aconteceram em outras cidades vizinhas de Anioma, mas não foram destacadas. Este trabalho, portanto, tenta estudar o assassinato de civis desarmados em Aniomaland para expandir nosso conhecimento sobre o assunto e ajudar a aprofundar a compreensão da guerra.

Antecedentes da Guerra Civil da Nigéria em Aniomaland

Muitas questões contribuíram para a eclosão da guerra. Estes incluem as tensões interétnicas provocadas pela luta do poder entre os grupos étnicos da Nigéria (Bird e Ottanelli 2011, 2-5; Ogunbadejo 1979, 85-100). As faíscas imediatas que produziram a guerra podem estar localizadas nos dois golpes militares de 1966 e suas consequências para sociedade dividida por linhas étnicas e sectárias. Sobre a independência do domínio colonial britânico em 1 de outubro de 1960, a Nigéria tinha muitos grupos étnicos. Entre essas nacionalidades étnicas, os Hausa, Igbo e Yoruba foram os grupos dominantes nas três regiões (Norte, Leste e Oeste). A luta entre eles pelo poder foi atada com algum sabor religioso que o tornou altamente emotivo. As

questões nacionais eram frequentemente interpretadas ao longo de divisões étnico-regionais e sectárias. Isso garantiu que entre 1960 e 1966 a Nigéria tropeçasse de uma crise para outra. Isto, acredita-se, levou ao golpe militar de 15 de janeiro de 1966 em que mais de vinte pessoas foram mortas. O golpe de janeiro, liderado principalmente por quatro majores do exército Igbo e um Yoruba, tirou a vida de alguns civis e líderes militares de alto escalão, incluindo o primeiro-ministro Abubakar Tafawa-Balewa, Ahmadu Bello (primeiro-ministro do norte); Samuel Akintola (Premier Ocidental) e quatro oficiais militares de alta patente de extração do norte e do oeste. O ministro das Finanças federal, o chefe Samuel Okotie-Eboh, que veio do meio-oeste também foi morto. Major-General J.T.U. Aguiyi-Ironsi (um Igbo oriental), o mais alto oficial militar da Nigéria, emergiu como chefe militar de Estado. O fato de que os líderes do golpe que produziram um Igbo como chefe de Estado também fosse Igbo, levou a insinuações de que o golpe era uma conspiração Igbo antinorte. Esse ponto de vista criou os tumultos anti-Igbo nas cidades do norte a partir de 29 de maio de 1966. Reivindicando centenas de vidas de Igbos, milhares de pessoas fugiram do norte para a segurança de suas casas ancestrais nas regiões leste e centro-oeste.

Entre os dias 28 e 29 de julho de 1966, um golpe militar de “vingança” por parte de oficiais militares do norte ocorreu, matando mais de quarenta oficiais militares Igbos, incluindo Ironsi. O Tenente-Coronel Yakubu Gowon, vinculado à região norte, emergiu como Chefe de Estado Militar. O resultado dos dois golpes, os distúrbios anti-Igbo de maio de 1966 no norte e o assassinato em setembro de 1966 dos Igbos no norte e em Lagos, contribuíram muito para a ebulição da Nigéria. Como consequência dos assassinatos de julho/agosto dentro das forças armadas nigerianas, um acordo foi alcançado em 9 de agosto de 1966, para enviar todos os militares para quartéis dentro de suas regiões para conter o derramamento de sangue. Uma conferência constitucional *ad-hoc* também foi realizada em 12 de agosto de 1966, para traçar um futuro para a Nigéria. Dezesete dias depois, novos assassinatos de Igbos começaram no norte e em partes da região oeste. Juntos, os assassinatos levaram ao deslocamento forçado de mais de um milhão de pessoas Igbo somente para a região leste. Isso azedou as relações entre Ojukwu e Gowon; o governo do Leste e o governo federal e os grupos étnicos Igbo e mais nigerianos. Citando razões de segurança, Ojukwu recusou-se a participar nas reuniões do Supremo Conselho Militar (SMC²) em Lagos. Entre os dias 5 e 6 de janeiro de 1967, o SMC reuniu-se em Aburi, no Gana, e tomou decisões importantes sobre o futuro da Nigéria. No entanto, o governo federal

2 Sigla em inglês, Supreme Military Council.

renegou unilateralmente as decisões após os tecnocratas federais alertarem contra suas consequências (Kirk-Greene 1971, 344-345). Citando a recusa em implementar o Acordo Aburi, a região leste emitiu uma série de decretos em 31 de março de 1967, apreendendo preocupações federais na região, a fim de levantar fundos para implementar algumas partes do acordo Aburi renunciado (NAI 1967, 6). O governo federal retaliou impondo sanções econômicas ao oriente. Em 30 de maio de 1967, a região leste se separou da Nigéria como República de Biafra. Em 6 de julho de 1967, as forças federais nigerianas atacaram Biafra e a Guerra Civil Nigeriana começou. Em 9 de agosto de 1967, as forças de Biafra invadiram a região centro-oeste da Nigéria, através de Asaba, em Aniomaland, alcançando Ore, no oeste, antes de serem empurradas pelas tropas federais. O último lote de brigadas motorizadas de Biafra atravessou a Ponte do Níger em Asaba para Biafra na noite de 4 de outubro de 1967. Contudo, a guerra continuou em Aniomaland, pois as tropas de Biafra continuaram a se infiltrar na área até a guerra terminar. As mortes ocorreram dentro da luta pelo controle de Aniomaland entre as forças em conflito.

É importante entender por que ambos os grupos mataram aqueles que consideravam inimigos em qualquer lugar que os encontrassem. Essencialmente, a guerra era uma questão étnica envolvendo em grande parte os Igbo e os nortistas. Outros grupos participaram, mas permaneceu na maior parte a luta entre os dois grupos. Para os biafrenses, os nortistas e não orientais, exceto os Aniomas, eram alvos. De fato, sete meses antes da declaração de Biafra, o governo do oriente havia expulsado todos os não orientais, exceto o Anioma, da região, alegando incapacidade de garantir sua segurança (Ojukwu 1969, 46).

Para as tropas federais compostas principalmente por nortistas, a guerra foi uma continuação do massacre dos Igbos em três ondas de assassinatos anteriormente referidas. Para eles, onde quer que os Igbos fossem encontrados, um tratamento brutal era reservado para eles. A verdade é que o Anioma detestou o avanço federal em seu território. Eles foram descritos como hostis às tropas federais (Obasanjo 1980, 39). Além disso, muitos oficiais Anioma anteriormente do exército nigeriano escaparam para Biafra na derrota de suas forças no meio-oeste e juntaram-se ao exército de Biafra. Segmentos da população civil dos Aniomas foram astutamente pró-Biafra para a ira das tropas nigerianas (Okpor 2011, entrevista). Essas questões moldaram a guerra e ditaram os padrões de assassinatos em Aniomaland.

Assassinatos de Civis Inocentes por biafrenses em Aniomaland

Com a ocupação Biafra do Centro-Oeste entre 9 de abril e 4 de setembro de 1967, os moradores não Igbo de Aniomaland enfrentaram a ameaça de morte nas mãos das forças biafrenses que buscavam vingança. Um dos primeiros atos das tropas invasoras de Biafra ao entrar em Asaba foi o ataque ao Ogbe Awusa (Bairro Hausa), morada da maioria dos cidadãos do norte de Asaba. A história do bairro data de 1886 a 1900, quando Asaba serviu como sede da Companhia Real do Níger e da Nigéria. Além de muitos nortistas da Polícia Real Britânica, com sede em Asaba, numerosos comerciantes do norte convergiram para aproveitar a presença da empresa. A comunidade do norte em Asaba cresceu de forma constante e em 1967, gerações de seus membros conheciam Asaba como lar, falavam fluentemente o idioma Igbo, mas ainda eram chamados de *ndi Awusa* (povo hausa). Invasores biafrenses mataram muitos moradores dessa comunidade (Okocha 2012, 56-57). Godwin Alabi-Isama acredita que há uma ligação entre os assassinatos e o massacre de Asaba que contaremos em breve (Nação no sábado de 2012, 20-21). Os assassinatos de Ogbe Awusa causaram medo em moradores não Igbo de Asaba. O então jovem Louis Okhuonghae de Edo, professor no colégio St. Patrick's da cidade, contou que ele escapou pela janela de seu apartamento em Cable Point, Asaba, e fugiu para o Benin para evitar a morte (2006, entrevista). Um informante residente em Agbor durante a ocupação de Biafra recorda que sua família contrabandeava uma família Esan em um caminhão basculante para se afastar dos biafrenses. (Eboka 2010, entrevista). As tropas de biafrenses também mataram um missionário católico americano, o irmão Roman Wicinsky, que era o diretor do St. Patrick's College, Asaba em Ogwashi-Uku em 17 de abril de 1968, alegando que ele era um oficial federal mercenário (Okonji 2006, 25-29). Tropas biafrenses apareceram em vingança contra todos os nortistas que encontraram em Aniomaland. Em Ogwashi-Uku (Okocha 2012, 128) e Ubulu-Uku (Ikediashi 2009, entrevista), eles mataram os vaqueiros Fulani que encontraram. Além disso, um bando de forças biafrenses que operavam em Aniomaland invadiram o campo petrolífero Okapi 3 em 5 de maio de 1969, mataram dez trabalhadores italianos da Agip e sequestraram outros trinta italianos, alemães ocidentais, libaneses e nigerianos (Okocha 2012, 129-131).

Normalmente, o assassinato de civis desarmados não faz sentido militar. No entanto, localizando a guerra dentro do contexto do jogo de soma zero que a moldou, foi a vitória contra o inimigo. Esses massacres injustificados

formaram um grande ponto de apoio em torno do qual a guerra girou em Aniomaland, particularmente quando a maré virou e as tropas federais assumiram o comando. É impossível detalhar todos os assassinatos sofridos pelo Anioma em mãos federais. Alguns exemplos ajudarão a ilustrar alguns fatos do capítulo e a tragédia de tudo isso para o Anioma.

Agbor: Matando em “autodefesa”

Um dos episódios a esse respeito foi o assassinato supervisionado dos Igbos em Agbor sob o olhar atento das tropas federais da 2ª Divisão comandadas pelo tenente-coronel Murtala Mohammed, cujos temíveis métodos em outras partes do Meio-Oeste viajaram à sua frente até Aniomaland. O povo Agbor, cujo governante tradicional tinha o título de Igbo “Obi”, negou sua identidade Igbo (Okocha 2012, 34). Por medo e em defesa de uma nova identidade emergente, os indígenas de Agbor juntaram-se a soldados da 2ª Divisão, cujo Comandante foi instalado como Odogwu de Owa pelo inteligente Obi de Owa, para matar Igbos, incluindo o povo Anioma, por matar. Eles mataram em “autodefesa”. Enquanto alguns Ika negaram isso, três fontes independentes confirmaram essa informação (Anonymous Informant 2010, entrevista; Okoh 2011, entrevista; Okonmah 2009, entrevista). Os assassinatos de Agbor foram talvez os piores episódios da guerra em Aniomaland, dado o fato de que um grupo Anioma se juntou ao assassinato de seus companheiros.

Outra área de assassinato durante o massacre federal em Aniomaland foi Utagba-Unor. Lá, o Okpala-Uku e seus chefes foram mortos em 1967 em sua casa, onde se reuniram para uma reunião com as tropas federais. O único sobrevivente foi o Secretário do Conselho de Okpala-Uku-in. As tropas federais alegaram que ajudaram os biafrenses a atacar suas estações ao redor da comunidade (Okpor 2011, entrevista). No entanto, o ataque é insignificante quando comparado com a maior tragédia que se desenrolou em Isheagu em 1968.

A tragédia de Isheagu

Isheagu foi atacado em 2 de maio de 1968 por se tornar uma ameaça ao exército federal. Em 1968, Isheagu havia emergido como um importante mercado abastecendo Biafra com os bens necessários em todo o Níger. Em

segundo lugar, os arbustos atrás de Isheagu mantinham muitos soldados biafrenses, representando assim uma ameaça ao Batalhão 102 nigeriano estacionado lá. Pessoas Isheagu foram acusadas de conluio em ataques biafrenses em posições federais na área. Para se firmar em Aniomaland e possivelmente recapturar partes do meio-oeste, as forças biafrenses desembarcaram na área em grande parte desconhecida da margem ocidental do Níger, ao sul de Asaba no início de 1968 (Nwabueze 2011, entrevista). Essa presença de biafrenses assediava constantemente as tropas federais no local. Poucos dias antes do ataque, uma bomba biafrense explodiu um esquadrão federal ao lado do entroncamento de Nsukwa (Unoshai 2009, entrevista). Incapaz de evitar ataques desse ângulo, as forças federais acusaram o povo de conspirar com os biafrenses e exaltaram suas frustrações sobre eles. Estima-se que cerca de trezentas pessoas, incluindo o governante tradicional da cidade, Obi John Izechinor Onyema, foram mortas. O Obi teria sido enterrado vivo (Okocha 2012, 104).

Os motivos do ataque permanecem desconhecidos. Um relato de testemunha ocular do chefe Pius Unoshai revelou que quando as tropas federais chegaram a Isheagu no final de 1967, as pessoas fugiram para suas fazendas, dada a conhecida notoriedade das tropas federais que se adiantaram a Isheagu. No encorajamento das tropas federais, muitos voltaram para a cidade. Pouco depois, começaram os rumores sobre a intenção das forças federais de atacar Isheagu por apoiar os ataques de Biafra a eles. Na disseminação desses rumores, um amigo oficial Yoruba, o tenente Paulinus, informou-o sobre o ataque iminente e aconselhou-o a realocar-se. Ele informou ao seu povo, que duvidou dele. Ele alegou que algumas tropas federais amistosas com o povo da cidade, incluindo Paulino, foram transferidas antes da chegada das tropas assassinas. Eles chegaram em 1º de maio de 1968 e atacaram no dia seguinte sob a liderança do capitão Patrick Idahosa. Oficial veterano de origem Isheagu, baseado em Ogwashi-Uku, o sr. Ezeogor, que travava batalhas com a atitude do exército federal na área, havia informado seu povo sobre os terríveis planos dos soldados federais em relação a eles. Ele foi preso na sede do batalhão em Isheagu por espalhar rumores “maliciosos”. Quando eles finalmente desceram à cidade, ele foi trazido e executado. Enquanto as mortes continuavam, alguns jovens enérgicos de Isheagu estavam reservados para cavar enormes túmulos para enterros em massa. Praticamente todas as casas da cidade foram destruídas e aquelas com telhas de zinco foram removidas e levadas. A maioria dos que sobreviveram ao ataque da madrugada novamente se esconderam no mato. Parece que, mesmo com a trágica virada dos acontecimentos na comunidade, a ocupação federal estava insatisfeita com o nível geral de destruição da cidade. Vendo que muitos moradores de

Isheagu escaparam, tropas federais invadiram os esconderijos ao redor da cidade e matou muitas pessoas em seus esconderijos de fazenda. One Joseph Osaji foi decapitado por um soldado federal chamado Dan Beki na mata (Unoshai 2009, entrevista). Muitos que se esgueiraram na cidade para pegar itens necessários foram mortos pelas forças federais (Okocha 2012, 104).

O ataque acabou com a velha Isheagu. Em uma visita à cidade, nenhuma casa avistada parece ser de mais de 1970. Uma fonte em Isheagu diz que um homem Ewulu e sua esposa grávida viajaram para Isheagu depois que os assassinatos foram acusados de serem espiões biafrenses e mortos a tiros por tropas federais (Ofili 2009, entrevista). A natureza e as consequências do ataque de Isheagu foram simplesmente muito cruel em suas ramificações mais amplas, visando apenas dar ao lado federal uma vantagem na luta com Biafra por Aniomaland. Esse ângulo se torna importante contra o pano de fundo de que o ataque não foi travado apenas pelos nortistas. Unoshai insistiu que as tropas federais das origens de Ika, Urohobo, Edo e Ijaw estavam ativamente envolvidas (2009, entrevista). É difícil não concluir que alguns dos assassinatos em Aniomaland foram uma continuação do início de setembro de 1967, mortes em outras partes do meio-oeste contra os Aniomas. Um ex-soldado nigeriano de extração de Edo que lutou em Aniomaland durante a guerra justificou os ataques ao Anioma argumentando que foi em retaliação pela invasão Igbo de Benin, que ele alegou que o Anioma apoiou ativamente. Ele descreveu a invasão do Benin em termos de sacrilégio e disse que aqueles que o ajudaram “[...] tiveram que pagar de qualquer maneira” (Osarenkhoe 2007, entrevista).

Desastre em Ogwashi-Uku

Anteriormente, Ogwashi-uku havia testemunhado uma matança sem sentido de civis com consequências muito duras para a família Onukwu. Tropas federais tinham corrido para Ogwashi-Uku de Umunede sem qualquer oposição até que encontraram a resistência de Biafra em Ogwashi-Uku. Depois de algumas escaramuças, as forças federais recorreram ao que se tornou sua prática costumeira em Aniomaland, virando-se para civis desarmados. A tática de recorrer à área de menor resistência deixou marcas permanentes na história da família Onukwu. Antes disso, um pano de fundo para a tragédia que se abateu sobre os Onukwus é necessário.

A situação militar em algumas regiões de Aniomaland quando as tropas federais entraram em Ogwashi-Uku do lado ocidental de Ubulu-Uku

foi instável. Recuando, as forças de Biafra acamparam em Isa, no oeste imediato de Ogwashi-Uku. Na aproximação das tropas federais, algumas delas se dispersaram na mata e se reagruparam. Outros continuaram seu retiro para o leste. Forças desesperadas de Biafra, precisando evitar ser cortadas pelo avanço das forças federais dos lados de Benin e Warri, também ainda estavam evacuando para o leste da antiga Divisão Aboh no flanco sul de Ogwashi-Uku e necessariamente passando por Ogwashi-Uku. A natureza desimpedida do avanço federal de Umunede significava que as tropas de biafrenses ainda estavam ao redor de Ogwashi-Uku. Essa foi a situação em que as forças federais entraram na cidade. Como muitos habitantes tinham fugido, eles conheceram uma cidade quase vazia. (Ilechie 2011, entrevista). Enquanto na cidade, as tropas federais entraram em confronto com o fragmento de forças de Biafra, sofrendo algumas baixas, incluindo um comandante. A batalha decisiva ocorreu entre os Correios e a Escola Primária do Governo. Tropas federais triunfaram com os biafrenses recuando para o leste em direção a Ibusa. A batalha levou a família Onukwu, cuja casa estava na vizinhança, à cena.

Somado às perdas do dia anterior, o segundo confronto custou algumas baixas ao lado federal. Suspeitando de uma conspiração entre o povo e os biafrenses, tropas federais ligaram a família Onukwu. Babatunde Onukwu e cinco de seus irmãos (Iweadizia, Ndufodu, Anisimbili, Ogbogu e Agostinho) foram alinhados e mortos por bravos soldados federais diante de sua mãe, Sra. Onwuegbuzie Onukwu. Incapaz de suportar a provação, ela perdeu a cabeça; enlouqueceu e nunca se recuperou até que ela morreu no final de 1990 (Udegbue 2011, entrevista). A tragédia da família Onukwu demonstrou a insensibilidade com que as tropas federais trataram o Anioma durante a guerra. Um preço terrível foi extraído da comunidade Ogwashi-Uku por pertencer a comunidade Anioma. Para o Anioma, que foi identificada como pró-Biafra pelas forças federais, foi mais um capítulo de um livro sangrento sobre suas dificuldades num conflito que os colocou bem no meio do inferno.

A tragédia da família Onukwu não foi a única incidência de civis desarmados sendo alvo de tratamento brutal em Ogwashi-Uku. A história de Afamefuna Elue é instrutiva para a terrível presença federal enviada para as lombadas dos aparentemente poderosos entre os Anioma. Isso pode ser obtido da resposta a uma pergunta do Obi de Ogwashi-Uku sobre a morte de Afamefuna Elue. Como secretário da União de Desenvolvimento Ogwashi-Uku, Elue era uma luz na cidade. Acusado de ser pró-Biafra, foi sequestrado por forças federais e seu cadáver foi jogado em uma plantação de seringueira. Anos depois, seu filho perguntou ao Obi por que ele não podia salvar seu pai. A resposta do Obi foi: “Quando eles foram para Isheagu, eles enterraram o

chefe vivo. Sinto muito pelo seu pai. Eu apenas não estava pronto para esse tipo de morte” (Okocha 2012, 104).

A resposta mostra o Anioma com cautela em suas relações com as tropas federais que desencadearam suas ações a menor provocação. O medo Anioma das tropas federais foi fundado em suas atividades na área. Isso pode nos ajudar a entender a destruição da ponte sobre o rio Oboshi (que conectava Ogwashi-Uku e Ibusa) por alguns jovens Ibusa e tropas do 12º Batalhão em retirada de Biafra para impedir que as tropas federais estendessem o caos visitado em Ogwashi-Uku para Ibusa (Ikpo 2008, entrevista).

A destruição da ponte impediu que tropas federais entrassem em Ibusa a partir do final de Ogwashi-Uku. Eles se voltaram para Ogwashi-Uku na ponte quebrada e conectaram Asaba através de Azagba-Ogwashi, entrando em Ibusa a partir do final de Asaba. Antes que eles se revertissem na ponte quebrada de Oboshi, a elite governante da cidade, liderada por seu homem mais velho, Obi Mordi (o Diokpa de Ibusa, que tinha mais de cem anos) atravessou o rio Oboshi para encontrar tropas federais no fim da ponte quebrada Ogwashi-Uku. Além de Obi Mordi, a festa de boas-vindas incluía ele encantando Omu Igbuzo, Madame Nwaoboshi e outras pessoas proeminentes na cidade. Eles atravessaram o rio para encontrar os soldados do outro lado. Eles provavelmente deixaram uma impressão indelével. Ao entrar em Ibusa, as tropas federais inicialmente não perseguiram, torturaram ou atiraram em ninguém (Okonji 2006, entrevista).

Apesar do fato de que os indivíduos não foram alvo de tiros, as pessoas ouviram muito. Ibusa tem Asaba para o leste e Ogwashi-Uku para o oeste. Tropas federais visitaram ambos os lugares, matando e brutalizando muitos. Então, quando eles entraram na cidade, muitos fugiram. Alguns retornaram mais tarde, quando as tropas federais os “desapontaram”. Enquanto isso, desconhecidas das tropas federais, os arbustos ao redor de Ibusa se tornaram um importante centro de oposição à presença federal. Os biafrenses, ainda nas profundezas das florestas da cidade de Uzor Umuze, aproveitaram a oportunidade da população de se esconder para recrutar em massa. Por um tempo, tudo ficou quieto. A calma inquietante estalou na segunda-feira de Páscoa (16 de abril) de 1968, quando um esquadrão biafrense entrou e atacou o campo de tropas federais da Escola Primária de St. Michael, causando algumas baixas. Isso criou uma nova equação na relação entre o povo Ibusa e as tropas federais. Tropas federais atacaram e mataram vinte pessoas em retaliação (Ikpo 2008, entrevista). Foi necessária a intervenção do pároco católico da cidade, John Osia e do diretor do St. Thomas ‘College, o então Rev. Pe. Anthony Gbuji, para parar a carnificina (Osia 2012, entrevista). A maioria

dos habitantes da cidade fugiu para a mata. Apenas os enfermos e os muito determinados permaneceram. A maioria deste último grupo foi transferida para o campo de refugiados no St. Patrick's College, em Asaba, por tropas federais, enquanto a infiltração de Biafra continuava. Tropas federais nervosas brutalizavam ou atiravam em qualquer um que sáísse da cidade a partir da mata, classificando-os como espíões biafrenses.

As tropas federais foram bastante cruéis em relação ao Aniomá. Três de suas mais vingativas ações em torno de Ibusa precisam ser lembradas. Enquanto o povo de Umudi estava fugindo para o bosque por segurança, eles transferiram uma idosa cega, Martha Emeshie, de sua casa para a periferia da cidade. Os membros da família a visitavam ocasionalmente para ajudá-la enquanto vivia sozinha em seu abrigo de emergência. Um dia, tropas federais despejaram combustível em sua cabana improvisada e a queimaram até a morte (Agokei 2011, entrevista). Outra incidência de assassinatos sem sentido envolveu dois banqueiros do Barclays Bank, Asaba. Joseph Onyemem e Emmanuel Anuchi-Ogbolu, eram Gerentes de Filial e Contador, respectivamente. Segundo relatos, pouco antes da Páscoa de 1968, três soldados invadiram o banco e exigiram do contador as chaves do cofre do banco. Sua recusa lhe rendeu rapto ao lado do gerente. Seus cadáveres foram encontrados mais tarde na estrada Ibusa-Asaba (Okocha 2012, 103-104). Uma família Ogbolu acredita que o ato covarde foi perpetrado por um esquadrão liderado pelo Capitão Patrick Idahosa do Exército Nigeriano (Ogbolu 2011, entrevista). Possivelmente, o poder do Barclays Bank nos círculos financeiros mundiais pressionou as autoridades federais a agir. Os supostos autores foram processados judicialmente e executados (Okocha 2012, 103-104). Sobre Capitão Idahosa, nada foi ouvido sobre o crime do exército nigeriano.

A catástrofe em Asaba

O que se classifica como o maior massacre em massa da guerra em Aniomaland ocorreu em Asaba. A extensão dos massacres civis envolvendo tropas da 2ª Divisão permanece sempre difícil de colocar em palavras. Em intensidade, alcance e puro quantum da crueldade, todos os outros assassinatos em Aniomaland serão, mesmo quando juntos, classificados abaixo do que engoliu Asaba no início de outubro de 1967. O episódio de Asaba pode ser entendido dentro do contexto da luta por Asaba entre as forças em conflito. Tropas federais haviam entrado em Asaba até o final de Okpanam. Isso não ocorreu, no entanto, até que eles superaram uma resistência biafrense em Okwute-Ugbor. A batalha por Asaba foi uma série de batalhas campais.

Dois deles se destacam. A primeira foi a batalha de Okwute-Ugbor, a poucos quilômetros de Asaba. A segunda foi a batalha pelo St. Patrick's College. As tropas biafrenses em retirada de outras partes do meio-oeste tinham construído uma forte posição defensiva em Okwute-Ugbor e esperavam pelo avanço das tropas federais.

Asaba era o último lugar no meio-oeste antes do Níger e Onitsha que as forças federais cobijavam. Foi assim defendido por uma brigada biafrense comandada por um filho Anioma, o coronel Joe Achuzia. Ele montou uma sede de operações em Asaba dias antes da chegada das tropas federais. Ele era Comandante Interino da Divisão Meio-Oeste de Biafra. Após a retirada de Umunede, ele havia cruzado o Níger para Enugu em 2 de outubro de 1967, para buscar uma audiência com Ojukwu sobre a situação no meio-oeste, solicitando que um oficial de origem Anioma fosse nomeado Comandante Divisional para as operações do meio-oeste. O coronel Nwawo, que foi nomeado para retomar as tarefas imediatamente, não poderia chegar a Asaba antes que as tropas federais chegassem. Tomou-se então o lote de Achuzia para defender Asaba contra o ataque federal. Tropas de Biafra haviam entrado em Okwute-Ugbor e no St. Patrick's College. Na batalha de Okwute-Ugbor, um dos principais comandantes federais, o coronel Godwin Alley foi baleado no peito e evacuado da frente, quase morto. As tropas biafrenses recuaram para a posição defensiva do St. Patrick's College. O impulso superior das tropas federais tornou a defesa continuada dessa posição insustentável. As tropas biafrenses retiraram-se então de sua última posição em Aniomaland (Achuzia 1993, 33-35). A ferocidade da batalha por Asaba não se acalmou nem mesmo dentro da cidade. As marcas de bala no reservatório de água de Asaba, ainda visíveis a olho nu hoje, contam uma história de como as balas voaram por toda parte. Terminou em derrota para as forças de Biafra, que se retiraram através do Níger para Onitsha na noite de 4 de outubro de 1967. No dia seguinte, a Ponte do Níger foi explodida pelo Exército de Biafra.

Ninguém sabe exatamente por que as tropas federais mataram civis em Asaba como fizeram. Sabemos, no entanto, que Asaba era o único lugar em Aniomaland onde as tropas federais resistiam rigidamente e se engajavam em batalhas em situações reais de guerra. Há uma suspeita de que foram as batalhas em Asaba que determinaram os assassinatos. Sabe-se que soldados federais reclamaram que o povo de Asaba conspirou com as tropas biafrenses (Uti 2012, entrevista). As tropas federais lutaram suas batalhas reais em Aniomaland em Asaba. Suas baixas foram altas e pensadas para incluir o coronel Alley. É possível que a raiva acumulada tenha levado as forças federais a visitar suas frustrações em bodes expiatórios que eles consideravam responsáveis por seus problemas. Podemos também classificar

o episódio de Asaba como uma continuação das tendências anti-Igbo do exército federal. Eles demonstraram sua prontidão para matar a população de Anioma, enquanto penduravam uma frágil desculpa de provocação em Utagba-Unor e Ogwahsi-Uku. Asaba era apenas outra cidade de Anioma, então o padrão se repetiu.

Foi estabelecido que entre 5 e 7 de outubro de 1967, mais de quatrocentos civis desarmados foram mortos por soldados nigerianos em Asaba. Emma Okocha elaborou uma lista de quatrocentas e setenta e duas pessoas como tendo sido mortas em circunstâncias bizarras em Asaba (Okocha 2012, 89-94). Bird e Otanelli colocam o número em cerca de mil (Bird e Otanelli 2011, 2). Olusegun Obasanjo, um dos principais comandantes federais da guerra, tentou esclarecer o trágico episódio de Asaba afirmando que o massacre foi:

[...] Um evento envolvendo cerca de cinquenta civis... em Asaba sem o conhecimento ou aprovação de oficiais seniores ou superiores. Tropas da Brigada 81... foram levadas para executar aqueles civis que eles suspeitavam estar espionando em nome dos rebeldes depois que ... tropas federais haviam sofrido pesadas baixas de ataques surpresa dos rebeldes (Obasanjo 1980, 39-41).

A alegação não se soma. Não é crível que mais de quatrocentas pessoas estavam espionando para Biafra em Asaba. A natureza das mortes não pode justificar essa acusação. As tropas federais pareceram preconceituosas contra o povo e ameaçaram de morte abertamente os moradores de Asaba. Um sobrevivente dos assassinatos de Asaba lembrou como um soldado nigeriano declarou seu ódio por todo o povo Igbo, que “[...] devia morrer” (Bird e Otanelli 2011, 16). As mortes parecem ter sido inspiradas pelo ódio. Os fatos dos assassinatos parecem confirmar isso. Em um exemplo, as pessoas foram convidadas para cerimônias de boas-vindas pré-organizadas para as forças federais. No processo de boas-vindas, os homens foram separados das mulheres e baleados. Em alguns outros casos, tropas federais visitaram casas de famílias para realizar assassinatos. Outras vezes, as pessoas estavam reunidas no posto da polícia, nomes chamados de uma lista e pessoas filmadas. A maioria dos mortos foi enterrada em valas comuns, a maior delas em Ogbesowe. A maneira como as matanças foram e o calibre usado em algumas das vítimas sugerem que algumas delas foram assassinatos direcionados. A lista dos mortos de Asaba incluía o Sr. Sylvester Ugoh, um aposentado e supostamente a personalidade mais rica da era da Anioma. L.G. Gwam, ex-diretor do Arquivo Nacional, Ibadan também foi morto e seus

documentos históricos destruídos ou levados embora. Morto também foram o médico residente do Hospital Geral Asaba, o Dr. Eugene Akwule e um dos principais atletas da Nigéria daquela época, Sydney Asiodu.

Os assassinos em Asaba foram supostamente armados com listas de quem deveria morrer. O nome do Onyebobi provavelmente estava em tal lista. Ele era um oficial administrativo no serviço civil do centro-oeste antes da guerra. Ele aparentemente foi alvejado em Asaba quando foi atacado em sua casa de família, baleado e deixado para morrer. Ele sobreviveu ao ataque e depois escapou para Achalla-Ibusa, onde recebeu tratamento inicial. Para dissuadir os soldados de voltarem para ele, sua família organizou um enterro fantasma para ele, completo com um “túmulo”. Eles ainda mostraram o “túmulo” para as tropas federais que voltaram para garantir que ele tivesse morrido. Sua experiência de todo o episódio, em suas palavras, é muito instrutiva:

Em outubro de 1967, tropas federais entraram em Asaba. Em 7 de outubro, as pessoas levaram grupos de dança para recebê-los em Ogbeosowe. Eles foram cercados e ceifados ... A maioria das pessoas que ouviram o que aconteceu fugiu para as aldeias vizinhas. Eu não corri ... Em 8 de outubro, eu tive meu próprio batismo. Eu estava sentado com um tio e algumas relações em uma casa perto da casa do meu pai e estávamos conversando quando de repente vimos alguns soldados passarem por volta de 15 horas. Eram quatro deles. Seu líder, eu acho que um tenente, nos perguntou se havia mulheres e crianças aqui. Eu respondi dizendo não. Então, ele apenas disse: “mate-os”. Eu pensei que era uma piada, mas um soldado veio em fogo aberto para mim. Fiquei surpreso que ainda estava consciente quando abri meus olhos ... Eu tentei ficar calmo, mas era um assunto sério. Eu apenas mantive a calma pensando que era o fim e que eles iam embora, mas não foram. Acho que o mesmo policial voltou e começou a nos tocar um por um. Quando ele me tocou, ele disse: “Este não morreu, venha e atire nele novamente.” Ouvi outro tiro, mas surpreendentemente eu ainda não estava morto. Então ele checkou novamente e disse que eu estava morto e que eles deveriam ir (The Guardian on Sunday 2013, 22).

O professor Stanley Okafor, que estava em Asaba na época e acompanhou seu pai até a delegacia de polícia de Asaba, disse que os nomes foram chamados de uma lista. As pessoas que responderam foram levadas para trás do prédio e executadas. Seu pai, um funcionário público sênior no centro-oeste antes da guerra, foi morto por tropas federais, mas não na delegacia de polícia, e seu carro roubado mais tarde foi encontrado em Lagos com um oficial do exército (Okafor 2002, 293-300).

Uma perspectiva mais profunda da tragédia de Asaba vem de sobreviventes que ainda nutrem as cicatrizes emocionais. Um deles disse que com a forma como as matanças foram, ela ensinou que o mundo havia terminado (Onianwa 2010, entrevista). O episódio de Asaba representou as atividades de um grupo cheio de ódio. Foi uma experiência de pesadelo para as pessoas. Envolveu todos os tipos de mal. Segundo Stanley Okafor: “Os crimes e os abusos dos direitos humanos perpetrados pelas tropas federais em Asaba são inimagináveis. Eles assassinaram, roubaram, saquearam, estupraram” (Okafor 2002, 297). Um informante que esteve em Asaba durante os assassinatos disse o seguinte:

A história de Asaba só pode ser contada por pessoas do ângulo do que eles viram. A história completa nunca será conhecida. Eu conhecia muitos dos mortos. Tudo que eu e mulheres como eu fizemos foi encorajar nossos filhos, maridos e irmãos a ficarem escondidos enquanto monitorávamos os eventos e ajudávamos a enterrar os mortos (Okonkwo 2009, entrevista).

O Presidente da Associação de Desenvolvimento de Asaba, Dr. Louis Odogwu, disse que as pessoas de Asaba nunca esquecerão suas experiências de guerra. Uma parceria foi formada com a Universidade do Sul da Flórida para estabelecer um museu do holocausto para os mortos de Asaba (Odogwu 2012, entrevista). Um memorial também foi erguido em Ogbesowe para homenagear os mortos.

A dor profunda das matanças das tropas federais em Aniomaland perdura para aqueles que perderam seus entes queridos. Foi descartado como inconsequente e publicamente negado quando fatos históricos afirmam o contrário. Por exemplo, I.B.M. Haruna, sucessor de Murtala Mohammed como 2º comandante da Divisão, disse friamente ao Painel de Oputa que não devia desculpar-se pela conduta das tropas que eventualmente ficaram sob o seu comando (Ojeifo e Ughegbe 2013). Olusegun Obasanjo, um importante comandante federal na guerra e posteriormente chefe militar de estado da Nigéria (1976-1979) e presidente civil (1999-2007) comentou sobre a calamidade de Asaba de uma maneira condescendente, descartando-a com a alegação de que tropas federais mataram cinquenta pessoas que estavam espionando para Biafra em uma operação que não foi aprovada por oficiais superiores (Obasanjo 1980, 39-40). Ele não disse quantos assassinatos foram processados judicialmente por uma operação ilegal. O fato intrigante é que o mesmo Obasanjo visitou Asaba em 13 de outubro de 1967 (Obasanjo 1980, 47). As mortes começaram no dia 6 de outubro, sete dias antes de sua visita.

Mais de quatrocentas pessoas foram mortas em Asaba pelo exército nigeriano. É surpreendente que as vítimas, incluindo cidadãos muito idosos, crianças e mulheres, fizessem parte do anel de espionagem de Biafra.

É um fato histórico que o Chefe de Estado em Gerra da Nigéria, Yakubu Gowon, pediu desculpas pela conduta das tropas federais em Asaba. Parte disso diz:

[...] Aceito minhas desculpas em nome do Governo Militar Federal pelas atividades dos soldados em Asaba durante a guerra civil... me desculpe pelo que aconteceu especialmente com as pessoas que perderam a família. Não foi por maldade, mas por um acidente de guerra. Espero que o povo de Asaba aceite este pedido de desculpas, mesmo que seja tardio... Eu me senti muito tocado ... sendo o responsável no momento. Certamente, não é algo que eu teria aprovado de qualquer forma. Eu fui feito ignorante disto (Aneke 2003).

O pedido de desculpas de Gowon parece destinado a enganar e ocultar. Evidências existentes sufocam sua alegação de não estar ciente dos assassinatos na época. Seu comissário de guerra em tempo de guerra, Anthony Enahoro, revelou que Gowon sabia mais do que suas desculpas continham. De acordo com ele em uma reunião conciliatória com alguns Igbo em New Jersey, EUA em 1998:

[...] Fui eu que detive o falecido General Murtala Mohammed de mais massacres de crianças e mães inocentes. No momento em que a Grã-Bretanha se recusou a vender mais armas para a Nigéria, porque eles tinham ampla evidência da Cruz Vermelha das forças federais matando civis inocentes, eu enfrentei Gowon com o fato e que a única maneira de eu conseguir a Grã-Bretanha através do meu contato com a Alta Comissão para retomar o fornecimento de armas para a Nigéria foi que Murtala tivesse que deixar o setor de guerra. Ou Mohammed saía ou eu ia deixar seu gabinete. Gowon me disse que estava disposto a convocar uma reunião sob a condição de ser o único a confrontar Murtala. Se havia alguém que Gowon tanto temia, era Murtala Mohammed. Na reunião do Conselho Executivo Federal, confrontei Mohammed com provas elaboradas, completas com fotografias. Ele estava lívido. Ele não podia refutá-las, então ele recorreu a me chamar todos os tipos de nomes ... Fui fundamental para a sua retirada do setor e posterior nomeação como ministro (Aneke 2003).

Dado o que Gowon sabia, sua alegação de ignorância é suspeita e seu pedido de desculpas para encobrir o crime de assassinato em massa conhecido por ele.

O terrível tratamento dispensado ao povo Asaba resume o que o Anioma sofreu em uma guerra denominada “civil”. Com as atrocidades da guerra em Asaba e Aniomaland em geral, é difícil não falar da Nigéria e do seu exército de forma maldosa. Apesar do pedido de desculpas de Gowon, as cicatrizes permanecem e as memórias dolorosas perduram. Foi um ato terrível de insensibilidade crassa que destruiu muitos sonhos e destruiu dezenas de famílias. Ele eliminou muitos homens e chefes de família. Aqueles que não sabem do que ocorreu em Asaba, falam das mulheres Asaba em termos irônicos (Onianwa 2010, entrevista). Isso tornou a escuridão ainda mais sombria.

A guerra provavelmente atingiu seu ponto mais baixo em Aniomaland. Além de descrever os assassinatos como genocídio, o senador Uche Chukwu-merije afirmou que: “se a guerra civil foi uma mancha negra na história da Nigéria e se a negritude tem graus... Asaba é o ponto mais negro da história nigeriana” (*Vanguard* 2012, 13). O que o exército nigeriano fez em Aniomaland foi simplesmente abominável. Nas mãos do exército federal, os Anioma estavam indefesos, pois não eram nem biafrenses nem nigerianos. As lacunas foram exploradas pelas tropas federais com impunidade. A guerra condenou-os a um terrível destino nas mãos de um exército em busca de vingança. Eles foram simplesmente abandonados ao seu destino. Até mesmo uma equipe internacional de observadores que visitou a área de operação da 2ª Divisão entre 24 de setembro e 23 de novembro de 1968, encobriu evidências maciças de atos atrozos perpetrados por tropas federais em Aniomaland e deram ao Exército nigeriano um plano de conduta claro (NAI 1968). Ao negar a tentativa de destruição sistemática de partes da comunidade Anioma, o mundo simplesmente disse ao Anioma que a história é sempre escrita pelo vencedor. Sua experiência desastrosa continua a viver com eles. Talvez a totalidade da experiência do Anioma nas mãos do Estado nigeriano e do seu exército possa ser resumida nas palavras do Professor Wole Soyinka. Referindo-se a eles como Midwest Ibo, ele capturou seu dilema de guerra nas seguintes palavras:

Os nigerianos mais vulneráveis da época eram os Igbos do meio-oeste, especialmente desde a invasão do meio-oeste. Eles foram perseguidos, caçados e mortos desde aquele evento e foram considerados maiores riscos de segurança do que os próprios Igbos... Dos Asaba Igbos exigiu-se dez atos positivos de lealdade a um dos demais países para provar que eram seres humanos (Soyinka 1990, 76).

Conclusão

A entrada da guerra civil em Aniomaland levou a luta dentro das casas dos civis. Como este trabalho mostrou, houve dois lados no assassinato de civis desarmados durante a Guerra Civil nigeriana em Aniomaland. Um envolvia os biafrenses, enquanto o outro foi perpetrado por tropas federais. O último foi mais difundido. Embora o Anioma tenha tentado ser ambivalente em sua escolha, eles foram estereotipados e sofreram massacres como consequência. A tragédia do povo Anioma será melhor relatada quando algumas questões forem levadas em consideração. Os ataques aos Igbos, incluindo os Aniomas aconteceu no norte em maio, julho/agosto e setembro/outubro de 1966. A elite Anioma no norte correu para Aniomaland e outras partes do meio-oeste antes da guerra. Parte do que a guerra trouxe para a mesa do Anioma foram ataques contra eles na cidade de Benin e em outras cidades do meio-oeste. Mais uma vez, eles correram para casa em suas cidades ancestrais. A invasão de suas cidades e aldeias por tropas federais os expôs a novos ataques e eles foram fustigados com quase nenhum lugar para onde fugir. Mesmo em suas aldeias, eles tornaram-se deslocados e se escondiam. Aqueles que encontraram tropas federais foram mortos. Isso explica porque o Anioma perdeu um pouco do seu melhor na guerra. Utagba-Unor, Isheagu, Ogwashi-Uku, Agbor, Ibusa, Asaba e outros pontos onde o inocente sangue de Aniomas foi derramado são sintomáticos do que é frequentemente negado nos círculos oficiais nigerianos: que a guerra civil foi um evento étnico. Foi uma profunda manifestação de um sistema que fracassou e encontrou bodes expiatórios no seu seio para culpar e massacrar. Com a natureza dos assassinatos em Aniomaland por tropas federais, é difícil escapar à conclusão de que houve intenções assassinas indiscriminadas. É fácil ver que os Aniomas foram alvos de destruição. Murtala Muhammed (visto como herói nacional na Nigéria), o Comandante da 2ª Divisão do Exército da Nigéria deve compartilhar uma grande parte da culpa pelo flagrante massacre do Anioma sob sua guarda.

No geral, os combatentes da guerra em Aniomaland se orgulhavam em matar civis indefesos. Suas ações expõem as possibilidades podres dos conflitos étnico-regionais e a natureza trágica maior da guerra. Guerras nos fazem perder nossa humanidade. Mas nunca deveria ter sido assim. O massacre de civis indefesos em Aniomaland no curso da Guerra Civil Nigeriana continua a reverberar hoje, talvez amanhã e possivelmente para sempre.

REFERÊNCIAS

Entrevistas

- Agokei, Theresa Nwafulueze (nascido em 1954), Professor, Lagos, 14 de junho de 2011.
- Aniedue, Fidelis (nascido em 1954), Empresário, Ibusa, 26 de dezembro de 2010.
- Anonymous Informant (nascido em 1935), ex-soldado, Boji-Boji Owa, 17 de novembro de 2010.
- Eboka, Chuks (nascido em 1950), Acadêmico universitário, Benin City, 3 de abril de 2010.
- Echenim, Kester (nascido em 1948), Acadêmico universitário, Benin City, 27 de setembro de 2009.
- Ikediashi, Michael (nascido em 1929), Funcionário Público Aposentado, Ubulu-Uku, 24 de setembro de 2009.
- Ikpo, Nosike (nascido em 1930), ex-senador e chefe tradicional, Ibusa, 6 de janeiro de 2008.
- Ilechie, Suzzy Mgboude (nascido em 1910), Líder comunitário, Ogwashi-Uku, 20 de abril de 2011.
- Nwabueze, David (nascido em 1938), empresário, Utagba-Ogbe (Kwale), 3 de agosto de 2011.
- Odogwu, Louis (nascido em 1937), médico, Benin City, 12 de novembro de 2012.
- Ofili, Alice (nascido em 1940, comerciante, Isheagu, 29 de dezembro de 2009.
- Ogbolu, Larry (nascido em 1953), empresário, Benin City, 14 de fevereiro de 2011.
- Okhuonghae, Louis (nascido em 1944), médico, Benin City, 9 de março de 2006.
- Okoh, Regina nascido em 1932), comerciante, Umunede, julho de 2011.
- Okonmah, Beatrice (nascido em 1932), costureira, Benin City, 28 de setembro de 2009.
- Okpor, Paul Chidi (nascido em 1938), Utagba-Ogbe (Kwale), 3 de agosto de 2011.
- Okonji, Edward (nascido em 1947), professor, Ibusa, 24 de junho de 2006.

- Okonkwo, Ogbeianu (nascido em 1929), líder comunitário, Asaba, 29 de dezembro de 2009.
- Osarenkhoe, Ibizugbe (nascido em 1936), ex-soldado, Benin City, 30 de março de 2007.
- Osia, (nascido em 1940), Priest and Rtd. Acadêmico universitário, Lagos, 22 de março de 2012.
- Otuya, Paul (nascido em 1935), líder comunitário, Utagba-Ogbe (Kwale), 3 de agosto de 2011.
- Onianwa, Egomdi (nascido em 1928), comerciante, Asaba, 10 de outubro de 2010.
- Onianwa, Ifeanyi (nascido em 1938), funcionário público aposentado, Asaba, 7 de maio de 2010.
- Udegbue, Okafor (nascido em 1948), líder comunitário, Ogwashi-Uku, 21 de abril de 2011.
- Unoshai, Pius (nascido em 1934), líder comunitário, Isheagu, 27 de dezembro de 2009.
- Uti, Evans (nascido em 1942), empresário, Asaba, 15 de março de 2012.
- Uzoronicha, John (nascido em 1952), ex-soldado e acadêmico universitário, Benin City, 26 de agosto de 2011.

Livros, artigos e outros

- Achuzia, J.O.G. 1993. *Requiem Biafra*. Lagos, Nigeria: Steel Equip Ltd.
- Akpan, N.U. 1976. *The Struggle for Secession Akpan: A Personal Account of the Nigerian Civil War*. London: Frank Cass.
- Aneke, Nnaemeka Luke. 2003. "Gowon's Apology to the Igbo Lacks Sincerity". <http://www.nigeriamasterweb.com>.
- Bird, Elizabeth S. e Fraser Ottanelli. 2011. "The History and Legacy of the Asaba, Nigeria Massacres.", *African Studies Review* 54, no. 3: 1-26.
- Eastern Nigeria Ministry of Information. 1966. *Nigerian Pogrom: The Organized Massacre of Eastern Nigerians*. Crisis Series 3. Enugu, Nigeria: Government Printer.
- First, Ruth. 1970. *The Barrel of a Gun: Political Power in Africa and Coup D'état*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Isichei, Elizabeth. 1976. *A History of the Igbo People*. London: Macmillan Press.
- Kirk-Greene, A.H.M. 1971. *Crisis and Conflict in Nigeria: A Documentary Sourcebook, 1966-1971*, Vol. 1. London: Oxford University Press.

- Nation on Saturday* (Nigeria). 2012. "Chinua Achebe Lied." November 24.
- National Archives Ibadan (NAI). 1968. File CWC 1/411. "No Genocide: Final Report of the Observer Team to Nigeria." Lagos, Nigeria: Federal Ministry of Information.
- Obasanjo, Olusegun. 1980. *My Command: An Account of the Nigerian Civil War. 1967-1970* Ibadan, Nigeria: Heinemann.
- Ogunbadejo, Oye. 1979. "Conflict Images: Colonial Legacy, Ethnicity and Corruption in Nigerian Politics". *Utafti*, 4, no. 1 (July): 85-100.
- Ogwuda, Austin. 2002. "Gowon Faults Setting Up of Oputa Panel". <http://groups.yahoo.com/groups/Naija-news/message/2517>. Accessed September 21, 2013.
- Ojeifo, Sufuyan e Lemmy Ughegbe. 2001. "No Regrets for the Asaba Massacre of Igbo". <http://www.nigeriamasterweb.com>.
- Ohadike, Don C. 1994. *Anioma: A Social History of the Western Igbo People*. Athens, Ohio: Ohio University Press,
- Ojukwu, Odumegwu C. 1969. *Biafra: Selected Speeches with Journal of Events*. New York: Harper and Row.
- Okafor, Stanley I. 2002. "The Nigerian Civil War and the 'Liberation' of Asaba: A Personal View." In *The Nigerian Civil War and its Aftermath*, edited by Eghosa E. Osaghae, Ebere Onwudiwe e Rotimi T. Suberu, 293-300. Ibadan: John Archers Publishers Limited.
- Okocha, Emma. 2012. *Blood on the Niger: The First Black-On-Black Genocide*. New York: Gomsclam Books.
- Okonji, B. U. 2006. "A Brief History of St. Patrick's College, Asaba, Nigeria." In St Patrick's College, Asaba Old Boys' Association of Nigeria 10th Biennial Convention Brochure, 25-29.
- Igbo Youth Congress (I.Y.C.). 2000. *Report of the Justice G.C.M. Onyiuke Tribunal, Massacre of Ndigbo in 1966*. Ikeja, Nigeria: Tollbrook.
- Republic of Biafra. 1967. *Proclamation of the Republic of Biafra*. Enugu, Nigeria: Government Printer.
- Soyinka, Wole. 1990 edn. *The Man Died* Ibadan, Nigeria: Spectrum Books.
- Talbot, P. A. 1969 edn. *Peoples of Southern Nigeria* (4 Volumes). London: Frank Cass.
- The Guardian on Sunday* (Nigeria). 2013. "I Have Forgiven All." August 11.
- Vanguard* (Nigeria). Wednesday, October 10, 2001.

Resumo

A Guerra Civil da Nigéria foi travada entre 30 de julho de 1967 e 12 de janeiro de 1970. Ele tirou a vida de mais de dois mil não-combatentes pelas mãos de soldados em Aniomaland, uma área do meio-oeste dominada por grupos de língua Igbo que foi separada pelo rio Níger a partir de Igboland Oriental e não fazia parte da região de Biafra. Ao reconstruir essa experiência empregando fontes orais, esta peça espera selar uma lacuna sobre como as atividades de ambas as forças em Aniomaland foram retratadas na história. Isso também aumenta a discussão sobre quem fez o quê em Aniomaland e o impacto desses incidentes não apenas nos habitantes locais, mas também na humanidade em geral. Será falado sobre as atrocidades dos soldados em conflitos. Através de um micro estudo, destaca as possibilidades de um etnocentrismo raivoso e as lesões que pode infligir a valores humanos estimados.

Palavras-chave

Nigéria; Biafra; Guerra; Massacre; Civis; Aniomaland.

Recebido em 24 de março de 2019

Aceito em 23 de abril de 2019

Traduzido por Larissa Kröner Bresciani Teixeira